

UMA TRAGÉDIA DE NATAL

– TENHO UMA RECLAMAÇÃO A fazer – disse Sir Henry Clithering. Seus olhos brilhavam suavemente enquanto olhava ao redor para o grupo ali reunido. O coronel Bantry, com as pernas esticadas, franzia o cenho para a decoração da lareira, como se esta fosse um soldado delinquente em um desfile militar. A esposa do coronel furtivamente folheava o catálogo de bulbos de plantas que chegara com a última entrega do correio. O dr. Lloyd tinha o olhar fixo, carregado de admiração, em Jane Helier, e a bela atriz contemplava pensativa suas unhas pintadas de rosa. Apenas aquela solteirona idosa, Miss Marple, estava sentada de forma ereta e alerta, e seus pálidos olhos azuis encontraram os olhos de Sir Henry com um brilho equivalente.

– Uma reclamação? – ela murmurou.

– Uma reclamação muito séria. Nós estamos em um grupo de seis pessoas, três representantes de cada sexo, e protesto em nome dos machos oprimidos. Três histórias foram contadas esta noite – e contadas pelos três homens! Protesto porque as mulheres não fizeram a parte delas.

– Ah! – disse a sra. Bantry com indignação. – Tenho certeza de que fizemos. Nós ouvimos as histórias com um apreço dos mais inteligentes. Demonstramos uma atitude verdadeiramente feminina, evitando nos jogar à frente dos holofotes!

– É uma excelente desculpa – disse Sir Henry –, mas não serve. E há um ótimo precedente em *As mil e uma noites!* Portanto, avante, Sherazade.

– Está se referindo a mim? – disse a sra. Bantry. – Mas não tenho nada para contar. Nunca estive cercada de sangue ou mistério.

– De forma alguma eu insistiria em sangue – disse Sir Henry. – Mas estou certo que alguma das três senhoras tem algum mistério favorito. Vamos lá, Miss Marple, conte a “Curiosa coincidência da diarista” ou o “Mistério da reunião das mães”. Não permita que eu me desaponte com St. Mary Mead.

Miss Marple balançou a cabeça.

– Nada que pudesse lhe interessar, Sir Henry. Temos nossos pequenos mistérios, é claro; há o caso dos 150 gramas de camarão descascados que desapareceram de forma tão incompreensível; mas isso não lhe interessaria, pois tudo acabou se revelando tão trivial, embora esclareça significativamente a natureza humana.

– A senhora me ensinou a adorar a natureza humana – disse Sir Henry solenemente.

– E a srta. Helier? – perguntou o coronel Bantry. – Deve ter tido algumas experiências interessantes.

– Sim, de fato – disse o dr. Lloyd.

– Eu? – perguntou Jane. – Querem dizer, querem dizer que gostariam que eu relatasse algo que aconteceu comigo?

– Ou com algum de seus amigos – corrigiu Sir Henry.

– Ah! – disse Jane, evasiva. – Não acho que nada nunca tenha acontecido comigo, digo não esse tipo de coisa. Flores, é claro, e mensagens estranhas; mas isso é da natureza masculina, não é? Não acho que... – interrompeu-se e pareceu perdida em pensamentos.

– Vejo que teremos de ouvir aquela epopeia dos camarões – disse Sir Henry. – Pode começar, Miss Marple.

– O senhor gosta tanto da sua piada, Sir Henry. Os camarões são apenas uma bobagem à parte; mas agora, pensando bem, lembro-me *sim* de um incidente. Não exatamente um incidente, algo deveras mais sério: uma tragédia. E estive envolvida, de certa forma, no meio da confusão; e, com relação ao que fiz, nunca senti o menor arrependimento; não, nenhum arrependimento mesmo. Mas não foi em St. Mary Mead.

– Que decepção – disse Sir Henry. – Porém me esforçarei para superar isso. Sabia que não deveríamos confiar na senhora.

Ele se posicionou com atitude própria de ouvinte. Miss Marple ficou levemente ruborizada.

– Espero que seja capaz de contar de forma adequada – disse com ansiedade. – Temo que esteja muito inclinada a me tornar *divagante*. A gente se perde do assunto muitas vezes sem perceber que está fazendo isso. E é tão difícil de lembrar cada fato na ordem certa. Vocês todos me desculpem se eu contar mal a minha história. Aconteceu há muito, muito tempo.

“Como eu disse, não estava relacionada a St. Mary Mead. Na verdade, tinha a ver com uma Hidro...”

– A senhora quer dizer um hidroavião? – perguntou Jane, com os olhos arregalados.

– Não é disso que ela está falando, querida – disse a sra. Bantry e explicou-lhe. O marido acrescentou sua parcela:

– Lugares brutais, totalmente brutais! Há que se acordar cedo de manhã e beber água com gosto de imundície. É só um monte de velhas sentadas sem fazer nada. Ti-ti-tis de natureza maldosa. Deus, quando eu penso...

– Arthur – disse a sra. Bantry, placidamente –, sabe que fez um bem gigantesco para você.

– Um monte de velhas sentadas por todo o lugar só comentando escândalos – resmungou o coronel Bantry.

– Temo que isso seja verdade – disse Miss Marple. – Eu mesma...

– Minha querida Miss Marple – exclamou o coronel, horrorizado –, não quis insinuar de forma alguma...

Com as bochechas rosadas e um pequeno gesto com a mão, Miss Marple o impediu de continuar.

– Mas é *verdade*, coronel Bantry. Apenas quero dizer isso. Permita-me organizar meus pensamentos. Sim. Comentar escândalos, como o senhor diz; bem, *isso* se faz bastante. E as pessoas em geral gostam de fazer isso, em especial as mais jovens. Meu sobrinho, que escreve livros – e livros muito inteligentes, acredito –, já disse as coisas mais *mordazes* sobre alguém difamar o caráter das pessoas sem nenhuma espécie de provas e o quanto isso é cruel, e assim por diante. Mas digo que nenhum desses jovens para alguma vez para *pensar*. Realmente não examinam os fatos. Certamente o nó da questão toda é este: *com que frequência o ti-ti-ti*, como o senhor diz, *é a mais pura verdade?* Acho que se, como eu disse, realmente examinassem os fatos, descobririam que nove vezes em dez é a pura verdade! E é justo isso que deixa as pessoas tão aborrecidas.

– Uma suposição inspirada – disse Sir Henry.

– Não, não é isso, não se trata disso mesmo! É realmente uma questão de prática e experiência. Ouvi dizer que, se mostrar a um egiptólogo um daqueles besourinhos curiosos, ele sabe dizer de que época antes de Cristo ele é, ou se é uma

imitação de Birmingham. E não sabe dizer qual a regra definitiva para fazer isso. Ele simplesmente *sabe*. Passou a vida fazendo isso.

“Isso é o que estou tentando dizer (muito mal, eu sei). Aquelas que meu sobrinho chama de ‘mulheres supérfluas’ têm tempo de sobra nas mãos, e o principal interesse delas é geralmente em outras *pessoas*. Assim, vejam bem, elas se tornam o que chamaríamos de *experts*. E os jovens de hoje... falam muito abertamente sobre coisas que não se podia mencionar nos meus dias de juventude, mas, por outro lado, são muito inocentes nos seus pensamentos. Acreditam em tudo e em todos. E se tentamos avisá-los, mesmo que com todo o cuidado, dizem que temos uma cabeça vitoriana – e dizem que isso é como uma *fossa*.”

– E enfim – disse Sir Henry –, o que há de errado com uma *fossa*?

– Exatamente – disse Miss Marple, animada. – É a parte mais necessária de uma casa; mas, é claro, nada romântica. Devo confessar que tenho meus *sentimentos*, como todo mundo, e fui algumas vezes cruelmente ferida por comentários descuidados. Sei que os cavalheiros não se interessam por assuntos domésticos, mas preciso apenas mencionar minha empregada Ethel, uma moça muito bonita e esforçada sob todos os aspectos. Porém percebi, assim que a vi, que era do mesmo tipo de Annie Webb e da filha da pobre sra. Bruitt. Caso surgisse a oportunidade, os conceitos

de *o meu* e *o seu* não significariam nada para ela. Então a mandei embora no final do mês e dei-lhe referências por escrito, dizendo que era honesta e séria, mas em particular adverti a velha sra. Edwards para não contratá-la; e meu sobrinho, Raymond, ficou furioso e disse nunca ter ouvido nada mais cruel – sim, *cruel*. Bem, ela foi trabalhar com Lady Ashton, a quem não me senti na obrigação de advertir; e o que aconteceu? Toda a renda das roupas íntimas dela foi arrancada e dois broches de diamantes levados embora – a moça partiu no meio da noite e nunca mais foi vista!

Miss Marple fez uma pausa, inspirou profundamente e, então, prosseguiu.

– Vão dizer que isso não tem nada a ver com o que se passava no Keston Spa Hidroterápico, mas de certa forma tem. Explica o motivo pelo qual não tive nenhuma dúvida, desde o primeiro momento em que vi o casal Sanders, de que ele queria dar um fim na esposa.

– Hein? – disse Sir Henry, inclinando-se para frente.

Miss Marple virou-se para ele com a expressão plácida.

– Como eu disse, Sir Henry, não tive nenhuma dúvida. O sr. Sanders era um homem grande, bonito, com o rosto corado, de modos muito joviais e popular com todo mundo. E ninguém poderia ser mais aprazível com a esposa do que ele. Mas eu sabia! Ele queria dar um fim nela.